

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES — CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENADORA DA PRÁTICA: ERONILDES CAMARA
ORIENTADOR DE CONTEÚDO: ANTONIO CLARINDO
ESTAGIÁRIO: VANDELTON FRANCISCO DA SILVA

RELATÓRIO DA ATIVIDADE DA PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA APRESENTADO EM CUMPRIMENTO AS EXIGÊNCIAS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA.

Campina Grande, janeiro de 1997



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

DEDICATORIA

" AOS MEUS PAIS POR TUDO QUE SAO E REPRESENTAM
EM MINHA VIDA " .

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos três anos que estivemos cursando a graduação em História, muitas pessoas contribuíram para que esta experiência nos permitisse descobertas e progresso pessoal. Antônio Clarindo e Durval Juniz, dois orientadores que marcaram para sempre nossa vida, a quem sou eternamente grato. Aos colegas e amigos da graduação. Aos professores do Departamento de História e Geografia. A meus pais, Joana e Alencar; exemplos de dedicação e estímulos constantes. A Lurdinha, Welington, Ana e Nenzilda, exemplos de amigos e funcionários.

SUMARIO

APRESENTAÇÃO

PRÁTICA DE ENSINO - UM MARCO PARA UMA NOVA FASE DE ESTUDO

O CONTATO COM A SALA DE AULA

A EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA NO 1º E 2º GRAUS

DA UNIVERSIDADE A PRÁTICA NA SALA DE AULA NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS

SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA MÚLTIPLA

INTERVALO - UMA MÚLTIPLICIDADE DE DISCURSOS

OS DIFERENTES LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

ANEXOS I

PLANOS DE AULAS

TEXTOS MIMEOGRAFIADOS

EXERCÍCIOS MIMEOGRAFIADOS

AVALIAÇÕES

ANEXOS II

RELAÇÃO DOS ALUNOS COM SUAS MÉDIAS FINAIS

APRESENTAÇÃO

Em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de licenciatura em História. Apresento este relatório, que trás em suas páginas um relato sobre minhas impressões e vivências sentidas ao longo dos meses que estagiei na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar V. da Silveira em Bodocongó.

Trás ainda em anexos, cópias de textos e exercícios mimeografados que foram discutidos no decorrer das aulas, bem como, cópias dos planos de aulas, do questionário respondido pelos alunos sobre o período em que estiveram sendo orientados por um estagiário.

No início ela tem pouca importância em nossos sonhos, talvez por estarmos distanciados por longos e cansativos semestres letivos, mas também por alegres e estimulantes, até que ela chega. A Prática de Ensino representa muito mais que a aproximação de uma caminhada que nos absorveu tanto, que muitas vezes achamos que poucas palavras possam representar os momentos que antecedem esta disciplina. A Prática é neste momento o mais importante, não no sentido de dar-lhe uma hierarquia de distinção sobre as demais disciplinas, mais pelo fato de que ela enquanto uma das últimas a ser cursada no Curso, se reveste de uma responsabilidade que muitas vezes não nos damos conta de que ela nos acompanha desde aquele primeiro momento, quando, ainda embebedos pela alegria de nossa aprovação no vestibular, garantiamos uma vaga na Universidade, enquanto outros tantos, teriam que ainda esperar nova chance.

Deixemos de lado um pouco essas glórias e voltemos ao que hoje vivenciamos. A Prática é como um laboratório no qual passamos a usufruir dos métodos e práticas dos estudos feitos ao longo de nosso Curso e que agora nos sentimos impelidos a exercitar este apendizado enquanto profissional.

Vendo esta aproximação entre o fim do Curso e uma nova fase que nos aguarda, fora deste Campus, que ressalto dois aspectos que os últimos semestres de curso me possibilitaram: Primeiro, a sensação de que o fim de uma primeira etapa estava se aproximando me fez muitas vezes encher o peito de emoção, sentia que as muitas noites de sono e cansaço, quase sempre atravessadas apenas em companhia de livros e textos, bem como, de inúmeras xícaras de café e o desejo de concluir as disciplinas de melhor forma possível. Hoje sei que meu esforço não foi em vão. quando reflito, através destes pequenos lapsos de memórias, muitas vezes recordo-me as horas seguidas de estudo, despertadas apenas pela voz de outras pessoas preocupadas em saber se ainda pretendia fazer as refeições, quando ~~nao~~ o horário ~~de dormir já era em demasia avançado~~. Segundo, pela responsabilidade absorvida ao longo do Curso, através das disciplinas cursadas durante essa jornada, que aos poucos fui percebendo que a licenciatura é algo por demais singular, que suas particularidades, inerentes não apenas ao conhecimento necessário e absorvido durante o curso, bem como, a nós enquanto pessoas que se comprometem com o ato de lecionar, se dispendo a refletir juntamente àqueles que nos autorizam a construir um pouco de seu conhecimento, se dispendo diariamente a aceitar, conversar e discutir temas e assuntos muitas vezes contrários a sua forma de pensar.

São estes dois aspectos que ressalto ao chegar a prática de en-

sino, como uma ponte que nos liga a dois momentos.

Entretanto, não posso ver a prática de Ensino apenas como uma disciplina de final de Curso. E pensando à prática enquanto disciplina que aglutina teoricamente todo o Curso, que faço algumas sugestões, no sentido de que estas ao serem analisadas, possam contribuir para o enriquecimento e melhor proporcionar uma atividade agradável aos alunos de nosso curso.

+ Especificar ^{os} professores que se dispõem a exercerem a atividade de orientador da prática de ensino, e que os alunos sejam informados dos que se dispõem.

+ Atentem para que o calendário das escolas escolhidas favoreçam o estágio do aluno, no sentido de que os alunos não sejam os únicos impelidos a se organizarem frente as exigências da escola.

+ Que a Coordenação da Prática de Ensino trace parâmetros de negociação com várias escolas, a ponto de não passar a impressão que os estágios, consistem mais numa relação de favor, do que um direito a ser exercido.

O CONTATO COM A SALA DE AULA

Durante o curso não foram poucas as oportunidades que me foram apresentadas a ponto de desenvolver determinadas qualidades enquanto futuro professor: Os seminários, discussões de textos, exposição de trabalhos e até mesmo às aulas, atividades muito frequente durante às monitorias e do mini-curso de história, as quais tive a oportunidade de exercer. Esses pequenos contatos, foram essenciais para a superação de determinados obstáculos como: Timidez, pouco domínio em sala de aula, tom de voz baixo, etc. Hoje sinto um crescimento significativo em torna deles. Antes, mais pareciam barreiras intransponíveis, mas agora são estímulos à minha vida profissional, bem como, à construção de um conhecimento cada vez mais amplo.

Sem dúvida, a vida acadêmica, sua realidade e seus exemplos são um bom indício para nos preparar, para esta nova realidade.

Pois é sobre esta nova realidade que vou falar. O contato com as salas de aulas onde estagiei, proporcionou-me dois momentos antagônicos. Sim por que mesmo sabendo que a prática, enquanto estágio, em muito pouco difere à realidade existente, por outro lado, aumenta a ansiedade de entrar em contato com o ambiente da sala de aula. Surge uma vontade imensa de experimentá-la.

O estágio feito ao longo dos meses de outubro, novembro e início de dezembro no Colégio Ademar Veloso da Silveira, abrangeu duas turmas: Uma de quinta série, à tarde, e outra de segundo ano científico, à noite. Em ambas pude observar e tirar verdadeiros ensinamentos que certamente me serão válidos para minha vida profissional futuramente.

Sempre que tomava contato com as turmas, em especial, ou mesmo com outros colegas estagiários, bem como, com os professores formados e contratados, existentes na escola, procurava observar seus gestos, palavras, como também, anotava tudo que achava interessante e/ou que dissesse respeito a algo que me fosse útil em minha formação.

Durante minhas aulas na quinta série, percebia que os alunos, possuíam uma capacidade de se abstrair dos assuntos trabalhados durante as aulas, era comum entre eles brincadeiras, troca de carteiras, etc. De início a preocupação me tomou conta e logo surgiram as dúvidas, talvez insegurança, achava que tinha a obrigação de ministrar uma aula na qual os alunos não se desprendessem da exposição. Só mais tarde em conversas com meu orientador foi possível me despir de determinadas preocupações, buscando criar um clima mais favorável em sala, que pudesse contornar muitas situações difíceis. Para isto, o uso de variado número de recursos didáticos como: Mapas; slides, textos mimeografados, cartazes entre outros, me serviram para chamar a atenção dos alunos para o que me propunha a discu-

tir com eles em determinadas aulas. Um exemplo muito comum: os alunos perguntavam sempre, se a chamada ia ser feita no início ou no final da aula. Isto me intrigava, sobre qual a diferença ou o que acarretava? Principalmente para eles. O resultado foi, antes deles, uma resposta para mim, pois a chamada feita no início das aulas geralmente nas quartas e quintas aulas, permitia que vários alunos se sentissem livres para irem embora antes ^{do} horário se cumprisse, faltando assim às discussões do assunto por inteiro. A solução encontrada em algumas situações foi procurar ministrá-las aulas com maior dinâmica, usando variado número de recursos didáticos, tornando as aulas mais interessantes, noutros casos, transferir a chamada para o final das aulas.

Um problema que ~~encarcelo~~ ^{está} longe de meu alcance, está relacionado a estrutura e organização das salas de aula. Este problema ocorreu tanto para a quinta série como para o segundo ano científico. Estes problemas ^{constituem} basicamente na forma pela qual os quadros (para giz) utilizados pelos professores são baixos em algumas salas, forçando os alunos localizados ao fundo da sala, a se levantarem num exercício contínuo para que possam ter acesso a todas as informações contidas no quadro. Se por um lado a localização dos quadros dificulta sua total visualização, por outro é o calor no interior das salas, as poucas entradas de ar existentes, que consistem, na porta e em pequenos furos paralelos, feitos na parede através de tijolos. Os poucos ventiladores que há nas salas, muitos estão quebrados ou danificados, em muitos casos pelos próprios alunos, impossibilitando um mínimo de conforto. Mas não são apenas estes obstáculos, raras são as vezes que as carteiras são organizadas pelos zeladores. Diante deste clima, os alunos anseiam por um momento, que lhes permita saírem de sala de aula, principalmente para irem buscar giz ou apagador esquecidos.

Parece que tudo concorre para o não exercício das aulas, a começar pela primeira, que conta com aproximadamente ~~com~~ trinta minutos (noturno). Os alunos ao chegarem procuram não a sala de aula mas o refeitório graças a uma medida tomada pelos órgãos públicos, para conter a evasão escolar, que devido ao baixo poder aquisitivo das famílias, que em função das poucas condições, procuram favorecer os alunos, que ao chegarem na escola, procuram fazer uma refeição rápida. Entretanto, ^{isso} quase sempre concorre para que o aluno entre atrasado na aula.

Durante o período em que estive estagiando não foram tomadas medidas, visando anteceder as refeições em benefícios das aulas.

A noite talvez seja o turno mais problemático para a ministração das aulas. Os alunos chegam cansados, muitos deles trabalham e como há pouco diálogo e provocação entre professores e alunos, é comum ver os alunos dormindo sobre as carteiras.

A realidade encontrada em sala de aula em muito se distancia do imaginado, mas nem por isto, deixa de ser estimulante o exercício da cate

dra, o estágio me proporcionou sentir isto.

A EXPERIENCIA EM SALA DE AULA NO 1º e 2º GRAUS

Ao longo dos meses que estagiei, muitos foram as dificuldades encontradas com os alunos, no que refere às discussões dos assuntos vistos em sala de aula. Primeiro, em função da falta de uma abordagem metodológica anterior, haja visto, que os alunos mantinham-se estranhos a qualquer método de estudo. Segundo, a pouca reflexão sobre os conteúdos vistos em sala, deixava-os "vazios" a ponto de pouco ou quase nada saberem dizer, quando questionados sobre o que estavam ^{estudando} ou haviam estudado.

Durante as duas primeiras aulas (do estágio) em ambas as turmas (quinta série e segundo ano científico), minha preocupação era compreender os alunos, perceber suas faltas, hábitos e, se possível, suas dificuldades; constatei que em apenas duas aulas isto seria impossível, mas isto ~~que~~ me ajudou muito no desempenho das demais aulas.

Na quinta série, os alunos estavam acostumados a escrever nos cadernos pequenos textos copiados no quadro pela professora. Minha intenção não era alterar o método utilizado anteriormente a minha chegada, mas experimentar, um outro, no qual o aluno tivesse uma certa participação no processo de ensino e uma nova forma de contato com os conteúdos. Como estávamos na quarta unidade optei por não alterar a sequência dos conteúdos a serem apresentados. No entanto, ao invés de copiar os textos resumidos no quadro, já os entregava aos alunos, prontos, ou seja, mimeografados em stencil a álcool. Como os textos não excediam duas páginas (no início), destinava aos alunos quinze a vinte minutos para que eles fizessem uma leitura individual e silenciosa, depois usava o quadro para escrever, através de tópicos, as principais idéias contidas no texto. Geralmente, o tempo de duas aulas era suficiente apenas para a leitura do texto pelos alunos e minha explicação, bem como, uma leve discussão dos exercícios propostos que vinham anexados ao texto (também mimeografados e previamente elaborados), ficando sua correção para a aula seguinte, na qual realizávamos novos trabalhos, exercícios em grupo sob minha orientação.

No início este tipo de técnica de ensino causou estranheza nos alunos. A forma que dava ao uso do quadro (~~como~~ escrevia apenas os tópicos ou alguma citação), os alunos não estavam familiarizados com esta nova forma. Mas também, devido a não leitura do texto por parte da maioria dos alunos. Isto fez com que o entendimento dos primeiros textos fosse prejudicado. A solução encontrada foi, antes de realizar os trabalhos em grupo ou individual^{mente} em sala, fazer uma pequena recapitulação dos assuntos estudados.

Já no segundo ano científico, a recepção foi mais aceitável. Co

mo já possuíam uma carga de conhecimentos e leituras mais acentuada, a explicação dos textos era absorvida com maior rapidez. Em muitos casos a discussão dos textos feitos após a leitura, através do uso do quadro para a exposição das principais idéias era feita com a participação dos alunos e estes respondiam a questões elaboradas durante a explanação do texto.

Mas os textos mimeografados não foram os únicos recursos utilizados, muito embora, consistissem no uso mais intensivo em sala. O uso do vídeo, mapas slides e retor-projetor, foi salutar para o desenvolvimento de certas aulas, "salvo alguns problemas já descritos anteriormente em determinadas aulas". Em outras o uso daqueles recursos engrandeceram-nas por certo motivos: Primeiro por quebrar a rotina da sala de aula, pois mesmo servindo para expor os mesmos conteúdos, esta exposição adquiria maior importância, sempre que os conteúdos eram complementados pelos programas apresentados em vídeo; segundo; estes programas eram comentados e interpretados.

Muitas das minhas preocupações, antes de cada aula, consistiam em tornar a aula o mais leve possível, ou seja, me sentia compelido em ministrar uma aula, na qual, os objetivos traçados fossem alcançados, sem que para isso exigisse dos alunos uma atenção exclusiva, mas leveza no sentido que prendesse suas atenções na aula em função da dinâmica e do estilo. Em síntese, uma aula preparada para levar aos alunos os objetivos propostos da maneira mais suave e mais fácil possível.

DA UNIVERSIDADE À PRÁTICA NA SALA DE AULA NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS.

A prática de ensino no primeiro e segundo graus representa vivências distintas e essenciais para a formação do estagiário. Fazendo referência apenas a algumas características, ressaltamos o contato com um universo múltiplo, composto por alunos que trazem para a sala de aula suas alegrias; tristezas, raivas, espertezas, inseridos no seu comportamento. Ter contato com esses comportamentos é para o estagiário algo de importância crucial em seu aprendizado.

A sala de aula em nenhum momento é algo homogêneo. Por um lado o professor apresenta e transmite para os alunos suas experiências e vivências individuais. Por outro, os alunos, suas experiências e suas individualidades repassam para o professor ~~as suas~~, e isto ocorre ao mesmo tempo.

Na fase do primeiro grau, ou mais especificamente na quinta série, onde a faixa de idade não ultrapassa os quinze anos, estes alunos, conservam comportamentos ainda muito simples e caseiros, tendem a anotar tudo que é escrito no quadro, bem como, o que é falado pelos professores é interpretado como "verdadeiro". Estes são aspectos a serem retrabalhados de forma gradativa com alunos desta série, para que a maneira de apreenderem as experiências de sala de aula não os agrifam.

Quanto aos alunos de segundo grau, estes em sua maioria, já trabalham, ampliando a margem de informações adquiridas. Por isso, sempre ^{quer} entra em sala de aula com um novo conteúdo a explorar juntamente com eles indagava sobre a que propósito ou objetivo me propunha a atingir.

Mesmo trazendo para a aula uma quantidade maior de informações, se comparado a dos alunos do primeiro grau, os secundaristas inspiram uma determinada preocupação, com a articulação das idéias. Os alunos exigem de imediato o emprego de um possível aprendizado na sua prática cotidiana. Isto fica evidente na forma mais direta das questões que os ~~intrigam~~ intrigam. Questões como: "Qual a importância do que estavam estudando para suas vidas diárias?" " Como posso fazer uso deste conhecimento, em minha vida profissional?"

Qualquer estagiário, sabe que responder a questões como estas não é fácil, demanda tempo. O que procurava fazer era demonstrar a realidade para os alunos. Em outras palavras, entendo que a formação do conhecimento se forja ao longo das atividades cotidianas, seja no trabalho, na escola ou em casa. No entanto, o que deve ser feito é contextualizar os vários saberes para progredirmos aos poucos.

Como nossas atividades em sala de aula exigiam certa especificidade, estimulava para o hábito da leitura se tornar algo comum nos alunos,

mesmo dentro das limitações existentes, como o tempo. Contudo, ainda foi possível desenvolver trabalhos neste sentido.

Em ambas as séries e graus, o ensino de história compreende situações distintas, concorrendo para que sua prática se volte para contextos diversos. À noite um dos maiores obstáculos às aulas, entre outros, é o cansaço acumulado durante o dia, principalmente nos alunos. Muitos dos que trabalham demonstravam isto. Além, de que o turno da noite é o único tempo disponível para continuar os estudos deixados há muitos anos atrás, em muitos casos devido as próprias necessidades financeiras.

Necessidade esta, que os levou a retornar à escola. Surge um novo obstáculo, pois o tempo em que esteve fora dos bancos da escola, contribuiu para reduzir a vagas lembranças, um conhecimento que se aprimorava a cada aula, e que agora, diante uma necessidade no trabalho ou na busca de um melhor preparo intelectual para ascender a cargos ou funções mais lucrativas, percebem que o estudo é a forma mais segura e rápida nesta caminhada, bem como, a única gradativa.

Em muitos casos isto se torna um problema, uma vez que ao retornar os estudos, estes alunos precisam reiniciar todo o processo de aprendizagem.

Muitas vezes estas dificuldades não são sentidas em sua magnitude, ou provocam menor impacto sobre os alunos com problemas, principalmente quando os alunos encontram em sala de aula, professores preocupados com suas realidades. Porém, isto não ocorre com muita frequência na escola pública onde estagiei. Pois era frequente os desabafos de professores sobre suas condições de trabalho; e ~~que~~ de fato eles tinham razão, pois muitos, por serem contratados, não permitted estes professores um tempo mínimo para que preparem as aulas nem mantenham uma carga de leitura atualizada, ou discutir ^{novas} bibliografias atualizadas, etc., Isto apenas para citar as queixas mais comuns. Neste sentido, o tempo estabelecido para cumprir a programação das aulas e desenvolver atividades extras e essenciais a estas, é insuficiente. Associe a estas insatisfações os baixos salários e a falta de salas de aulas apropriadas a um bom desempenho pedagógico.

Essas queixas obscureciam um outro lado que está ligado ao desempenho de uma boa aula. Durante os meses que estagiei era comum assistir aulas de outros professores e perceber a falta de planejamento, escolha e seleção de conteúdos a serem ministrados, em algumas aulas havia apenas uma leitura do texto, sem discussão ou reflexão de seu conteúdo.

Nas situações descritas, seja de desabafo dos professores em momentos de conversas, ou no contexto da sala de aula. Em ambos, omite-se a importância de certos recursos para o ensino. O primeiro deles, o estímulo do profissional a seu trabalho que sem dúvida está associado a suas condições de escolha profissional, bem como, seu conhecimento intelectual e seu contrato financeiro, entre outros fatores que implicam no bom desem -

penho das aulas e do ensino, como: realização profissional, ambiente descontraído, etc.

Outro aspecto associado ao desempenho dos professores e que, por sua importância não difere das preocupações acima; é o uso dos recursos didáticos, não apenas o seu uso, mas o emprego adequado e sempre que possível, alternado. Com isto as aulas se tornariam mais dinâmicas, menos cansativas, se comparadas ao método expositivo, quando empregado continuamente, e principalmente, quando o professor é o único em sala, a repassar suas concepções e interpretações e a refletir, etc. Na medida que o material didático é separado, estudado e selecionado, quanto ao seu emprego e objetivo, levando-se em conta a faixa de idades ou as séries, não só as aulas se tornam mais dinâmicas, como contribuem para ampliar o nível de conhecimento dos alunos, bem como, do professor, de uma maneira fácil e agradável.

Penso que as dificuldades inerentes ao ambiente de trabalho existem das formas mais variadas possíveis. Entretanto, acredito que elas não se tornaram menos inoportunas e inconvenientes se levadas à sala de aula.

SALA DE AULA, UMA EXPERIENCIA MULTIPLA

Nosso primeiro contato com a sala de aula, ou seja, com os alunos, se deu de forma inesperada, primeiro pela forma com que me foram apresentados. Competia estagiar em turmas de primeiro e segundo graus, assumir uma turma de quinta série no turno da tarde, com aulas às terças feiras (quarta e quinta aula).

Pensava que antes de assumir as turmas teríamos alguma orientação dos professores titulares, no entanto; ocorreu o contrário. Os alunos da quinta série, estavam sem professores de história que na ocasião encontravam-se sob licença de viagem.

Diante deste fato, resolvi assumir a turma, que neste primeiro contato demonstrou conversar bastante, procurando obter de mim, bem como, eu deles, toda informação que pudesse nos dá (no meu caso) segurança e entendimento no aspecto formal de comportamento da turma. Estas especulações foram certamente de muito proveito. Como não conhecia-os me preocupei em fazer-lhes pequenas perguntas ou levantar questões, sobre os estudos; matérias que estavam estudando, como também, sobre o interesse que tinham pela matéria história, entre uma opinião e outra, fomos nos conhecendo melhor.

Nosso segundo encontro ocorreu dia 22/10/96, e contou com a presença de vinte e cinco alunos, haja visto que na aula anterior haviam comparecido cerca de quinze.

A grande dúvida era o que trabalhar em sala de aula, uma vez que os assuntos estudados nas aulas anteriores se descontraíram (deduzir que o plano de aulas existente na escola não era seguido). A solução que me veio foi, tentar fazer um apanhado geral de todos os assuntos estudados numa revisão panorâmica, que ocorreu em quatro horas aula, o que correspondeu aos dias 22 e 29 de outubro, respectivamente. A partir daí, procurei enfatizar os demais temas e assuntos, existentes no programa. Entre uma aula expositivo-dialogada e outra, com exercício de fixação, procurava desenvolver nos alunos o hábito da leitura, através de textos mimeografados, distribuídos em sala de aula, bem como, procurava, explorar nos alunos suas qualidades de compreensão e raciocínio, sobre as idéias contidas nos textos e explicitados nos exercícios.

Ao todo foram apresentados e discutidos dois textos: Um sobre " as Entradas e Bandeiras " e outro sobre " o Processo de Mineração ", ambos inseridos no período colonial. As demais aulas, num total de sete incluindo às de estudo com texto contaram, além, da exposição; com exercícios de fixação individual e em grupo.

Mesmo a quantidade de aulas ministradas tendo sido insuficien -

tes para uma avaliação mais contundente, os exercícios realizados em sala juntamente aos feitos em casa, contaram para a avaliação do quarto bimestre. Os três exercícios foram somados e divididos por três, resultando numa média final.

Nossa segunda experiência está ligada ao segundo ano científico no turno da noite.

Esta turma contava com vinte e dois alunos que no início frequentavam a sala de aula, no entanto, durante o decorrer das aulas, apenas dezoito permaneceram.

Ao contrário da quinta série, esta turma estava tendo aulas normais, entretanto, ao ser apresentado à professora pela coordenadora da prática de ensino, esta (professora) não hesitou, pediu-me que recebesse a turma logo, pois não a suportava mais.

De imediato assumi a turma, que a princípio me pareceu estranha, receptiva. No entanto, não houve qualquer comentário, salvo algumas perguntas, tipo: Qual o seu nome? O que fazia ali? O que naquela momento foi útil pois serviu para me aproximar da turma e fazer os primeiros contatos.

Diferentemente da quinta série, todos permaneciam calados e bastante curiosos o que logo me fez ver que, esperavam por algo, ou certo tipo de demonstração. A primeira reação foi buscar nos cadernos assuntos que se identificassem ou que tivessem sequência, depois procurei ministrá-los uma revisão sobre o que havia nos cadernos. Ao meu ver, o primeiro contato foi agradável e com muita aceitação. Como o horário correspondia a segunda e terceira aula, o final desta última coincidia com o intervalo. Ao tocar, os alunos me procuraram ainda na sala para saber se ficaria com a turma até o final do ano.

A segunda aula, no entanto, dia 21/10/96, não foi o que esperava. Havia preparado um texto e rodado no mimeógrafo esperando que houvesse uma reação contrária a sua leitura. Todos leram o texto dentro do tempo que destinei, salvo um ou outro que precisou de mais tempo, o que não impediu a exposição que fiz, apresentando-o e explicando seus pontos mais polêmicos, ou que acharam de difícil entendimento.

Na terceira aula fiz um exercício de fixação com todos, muitos não o entregaram alegando, falta de prática em formular as respostas, outros acharam melhor saírem antes do final da aula.

Para que não se repetisse a mesma cena, na quarta aula ao entregar os textos mimeografados pedi-lhes que lessem logo no início da aula e após prossegui com sua explanação, ou, os exercícios de fixação, em que explorava o texto. Sempre procurando destinar duas aulas para que fosse possível esgotar cada texto, e na sequência das aulas procurava dar continuidade a conteúdos que estavam no programa, usando outros recursos didáticos.

Foi o que ocorreu na quinta aula. Primeiro pretendia, fazer uma breve explanação do assunto e após usar um retro-projetor com slides, a fim de complementar a aula. Mas isto não ocorreu, ~~segundo que,~~ Com a presença da professora da turma assistindo minha aula, esta se pronunciou acerca do tempo que para ela; já não era possível o uso de qualquer recurso didático, haja visto o tempo ser insuficiente. Muito embora houvesse vinte minutos, os alunos levantaram-se e foram embora. Compreendi que deveria assumir uma postura em sala enquanto responsável pelo tempo e liberação da turma. Embora, reconheça o cansaço de todos, e ao ter se prolongado na explanação, certamente o uso dos slides sairia prejudicado a menos que ministrasse-os rapidamente, o que dificultaria a compreensão e o objetivo proposto.

Nossa sexta aula, destinava-se a trabalhos em grupos, se possível, grupos de cinco ou seis alunos. A entrega dos textos mimeografados, coincidiu com a pouca presença em sala, ou seja, pouco mais de dez alunos. Infelizmente, constatei que muitos dos alunos, ausentes em sala, optavam por ficar no corredor, deitados nos bancos à assistirem as aulas. Mas lamentável, foi saber que o mesmo ocorria com outros professores. Pois acreditava que minhas aulas eram pouco estimulantes.

Nem por isso me deixei abater. A sétima aula foi com exercícios trabalhados em grupos, pois a intenção era de aprofundá-me mais na forma que os alunos usavam, conhecendo suas maneiras de escrever, bem como, saber como se encontravam, com relação a erros ortográficos e quantidade de vocábulos que conheciam, etc. Nos exercícios anteriores já despertava neste sentido, no entanto, foi a partir desta aula que passei a dar maior atenção a estes aspectos. Embora, isto ocorresse aleatoriamente, foi depois de uma reunião com o orientador que passei a discutir algumas questões polêmicas sobre os exercícios, principalmente que a maioria ou quase todos não respondiam ou não o faziam a contento e os que respondiam incorriam nos exemplos citados.

Ocorreu-me que não deveria comparar os alunos e sim elogiá-los sempre que possível, e no momento mais conveniente.

Nossa oitava aula, estava prevista uma mostra de vídeo após uma pequena explanação sobre o assunto selecionado, o que de fato foi prejudicado. Primeiro pela falta de quadro para giz na sala de vídeo, o que me fez falar boa parte do tempo, segundo pela falta de planejamento prévio, quanto às condições da sala, o que me fez refletir, no sentido de observar as condições oferecidas, antes de executar qualquer trabalho. No mais a mostra de vídeo foi boa e creio ter alcançado os objetivos quanto ao conteúdo apresentado.

A nossa aula, restringiu-se a um leve complemento, referente a explanação dos assuntos da aula anterior, seguido da aplicação de um exercício de fixação, que alguns fizeram em sala, outros levaram para casa.

A décima aula, destinava-se à conclusão do programa estabelecido.

do para o segundo ano, o que não foi possível, mesmo diante de nossos esforços. A razão para isto está principalmente, nas poucas informações, que assim como eu, os demais estagiários, recebemos da direção. Pois havíamos organizado um calendário, com aulas previstas até o início de dezembro. Assim, foi uma surpresa para nós, quando foi afixado no quadro de avisos, a informação de que às médias referentes ao quarto bimestre deveriam ser entregues até o início de dezembro. O que nos fez, alterar também, o ritmo de trabalho. No dia 25/11/96, realizamos as provas relativas ao quarto bimestre entregando as notas e a turma para a professora titular.

Durante as aulas muitas foram as experiências vivenciadas. As que envolviam alunos em sala de aula sempre me chamaram a atenção e de uma forma especial. Entre alguns exemplos que vivenciei na quinta série, era comum entre os alunos me chamarem até suas carteiras e perguntarem sobre a Universidade, ou geralmente pedirem explicações de algo que muito pouco ou como acontecia na maioria das vezes, tinham a ver com o momento em sala ou com os assuntos discutidos. Mas sempre respondi as indagações, na medida do possível.

No segundo ano científico, uma aluna me perguntou se tinha conhecimento de algumas frases interessantes para que ela colocasse em seu caderno. Fiquei muito contente, pois era minha oportunidade de introduzir os pensamentos filosóficos que tanto havia estudado. Passando uma semana, entreguei a esta aluna cerca de quinze frases entre outros de filósofos, como: Nietzsche, Schopenhauer, Hume, Fichte, Hegel e Marx apenas para citar os mais conhecidos. Um dia após, sua colega, da carteira ao lado, chegou-me na hora do intervalo e avisou-me que sua amiga havia resado as frases, por achar que não correspondia as suas expectativas. Mas antes mesmo que a expressão de lastima se fizesse visível em meu rosto, ela falou que havia apanhado, no instante após sua amiga ter se desfeito das frases.

E assim as coisas caminham. O que não podemos deixar de ressaltar é o fato de que o conhecimento é adquirido de muitas maneiras. O que imaginava alcançar em determinada aluna, se revelou em outra.

Embora possa parecer piegas, esta me parece ser a melhor parte do seu relatório, pois de um caso tão simples você consegue tirar uma lição estimulante. Não perca nunca a capacidade de observar o que é simples, ele é sempre mais rico em aprendizado.

INTERVALO — UMA MULTIPLICIDADE DE DISCURSOS

A hora do descanso é sagrada e entre um bate-papo e outro vai-se conhecendo as pessoas. Após a terceira aula, inicia-se o intervalo, por volta da 15:30 horas (turno da tarde) aproximadamente, os alunos saem das salas, para o pátio ou vão até o refeitório fazer suas refeições, oferecidas pela escola. Os professores e os estagiários, dirigem-se para uma sala grande, onde convencionalmente se reúnem professores, diretores e os estagiários. É aqui, neste espaço que entre uma conversa e outra, acabamos nos conhecendo, sabendo mais dos alunos " bagunceiros " ou não bem como, de um vasto repertório de outros problemas como: Salários baixos, atrasados, incompletos ou sobre licenças vencidas. De tudo há um pouco o que contribui para dar, em muitos casos, um ar de brincadeiras e descontração em todos.

Por outro lado, era comum ouvir certos desabaços, de colegas a respeito de alunos que chegam a expressar que o ^{pouco} estímulo existente nos professores era proveniente do pouco interesse dos alunos pelas aulas. Ignorando talvez que todos contribuem para fatores como estes.

OS DIFERENTES LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Os textos discutidos em sala de aula com os alunos durante as aulas que ministrei com estagiário, foram produzidos com base nos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, nas leituras dos textos das disciplinas estudadas na Universidade e nos livros didáticos. Estes foram oportunos na medida em que suas leituras complementaram a produção dos textos usados durante o estágio.

Como a maioria dos textos discutidos com os alunos absorveram idéias centrais dos livros didáticos, procuro aqui tecer uma pequena reflexão sobre as correntes teóricas presentes nos livros didáticos usados ao longo de nosso estágio.

Dentre os vários livros que trabalhei havia os que abordavam os conteúdos a partir das influências marxistas; estes livros valorizam mais as rupturas (Idade Média/Idade Moderna) em detrimento das continuidades. Procuram privilegiar o papel das forças produtivas e das relações sociais de produção (lutas de classes), bem como, tenta^m explicar os acontecimentos a partir de leis permanentes (fatores econômicos) presentes na história.

Se o econômico predomina como influência nestes livros (ANÔNIO Pedro e CÂRCERE, Florival - História Geral, editora Saraiva, 1982). Em outros, é a factualidade dos acontecimentos narrados que, quase sempre, são tratados de maneira apolo^gética através das exaltações dos grandes vultos e heróis que teriam movimentado a história. Estes livros procuram descrever os fatos históricos de forma simplificada e como sendo obras de " grandes homens ", (PILETTI, Nelson - História do Brasil. editora Ática São Paulo, 1991), também descreve os acontecimentos históricos como verdades int^uíveis. De maneira POSITIVISTA estes livros marginalizam uma história social dos homens comuns, ou seja, uma história " vista de baixo ".

Uma outra corrente teórica que trabalhamos, procura dar mais ênfase às mudanças sociais e de comportamento. Vista como uma "história das Mentalidades ", esta discute uma história mais específica, ressaltando temas ligados às transformações sociais e individuais, (DREGUER, Ricardo e TOLEDO, Eliete - História, Cotidiano e Mentalidade, editora Atual, 1995) Neste contexto encontramos temáticas como: A mulher, o operário, a vida cotidiana, a sexualidade, entre muitas outras pouco exploradas pelas correntes tradicionais.

Os livros didáticos, como outros recursos usados em sala de aula (revistas, textos, etc.), procuram discutir os acontecimentos a partir de uma corrente teórica, isto é eles não são neutros, No entanto, seu uso, deve passar pela escolha e análise do professor, cabendo a este refletir quanto ao seu emprego, seja o livro com idéias tradicionais ou

não, desde que ele atenda aos objetivos propostos.

O livro didático é um instrumento de ensino e reflexão para o aprendiz e o professor deve se valer do seu uso, mas evitando torná-lo o único.

A N E X O S I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CÂMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDELTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SERIE: 5ª TURMA: A TURNO: TARDE DATA: 22/10/96

PLANO DE AULA

TEMA: Antecedentes da Expansão Territorial

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a crise econômica e política pela qual passava Portugal e seus reflexos no Brasil Co-

lônia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- + A crise econômica e política portuguesa
- + A aliança de Portugal com a Inglaterra
- + A centralização administrativa
- + A decadência da produção açucareira no Brasil

METODOLOGIA: Aula expositivo-dialogada com uso de exercícios de fixação

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro para giz, giz, fichas de leituras, Mapas.

AValiação: Através dos exercícios de fixação trabalhados em casa.

BIBLIOGRAFIA: NADAI, Elza & NEVES, Joana - História do Brasil - Da Colô-
nia à República, 14ª edição, editora Saraiva, São Paulo,
1991.

PILETTI, Nelson - História do Brasil, 13ª edição, editora
Ática, São Paulo, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CÂMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDELTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: COLEGIO ESTADUAL DE 1ª e 2ª GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SÉRIE: 5ª TURMA: A TURNO: TARDE DATA: 15/10/96

PLANO DE AULA

TEMA: Revisão dos últimos assuntos abordados em sala de aula (União Peninsular, Invasões Estrangeiras).

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir sobre os principais temas abordados nas últimas aulas, ressaltando os aspectos, políticos, econômicos e culturais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- + União Peninsular
- + Invasões Estrangeiras
- + Desenvolvimento da Cultura Canavieira e outros recursos naturais (séculos XVI e XVII).

METODOLOGIA: Aula expositiva

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro para giz, fichas de leitura, mapas.

AValiação: Através das respostas orais, feitas em sala pelo professor.

BIBLIOGRAFIA: PILETTI, Nelson - História do Brasil - 13ª edição, editora Ática, São Paulo, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque (org.) História Geral da Civilização Brasileira, 2ª edição, editora Difel, São Paulo, 1965.

MOTA, Carlos Guilerme (org.) Brasil em Perspectivas, editora Difel, São Paulo, 1968.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: Prática de Ensino em História

PROFESSORA: ERONILDES CÂMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDEILSON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SERIE: 5ª TURNO: TARDE TURMA: A DATA: 12/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: A Mineração

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir a exploração das minas no Brasil e a sua contribuição para o alargamento das fronteiras nacionais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:
+ As Minas e sua importância para a economia nacional.

METODOLOGIA: + As revoltas + A forte migração para o interior
Aula expositiva com uso de slides e retro-projetor

RECURSOS DIDÁTICOS: Textos mimeografados, exercício, slides e retro-projetor.

AValiação: Pela participação dos alunos nos debates após a exposição.

BIBLIOGRAFIA: NADAI, Elsa & NEVES, Joana - História do Brasil - Da Colônia à República, 14ª edição, editora Saraiva, São Paulo, 1991.

PILETTI, Nelson - História do Brasil - 13ª edição, editora Ática, São Paulo, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CAMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDÉILTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SERIE: 2º ANO TURMA: B TURNO: NOITE DATA: 02/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: O Primeiro Reinado (1822 - 1831)

OBJETIVO ESPECÍFICO: Contextualizar a situação política e econômica após a independência, tentando estudar o processo de elaboração de uma nova política (organização) para o

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: país.

+ A situação econômica e política - Crise da produção açucareira - Café: novo sustentáculo regional.

METODOLOGIA: + Assembleia Constituinte.

Aula expositiva

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro para giz, giz e mapas.

AValiação- Através de questionários trabalhados em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA: NEVES, Joana & NADAI, Elsa - História do Brasil - Da Colônia à República, 14ª edição, editora Saraiva, São Paulo, 1991.

PILETTI, Nelson - História do Brasil - 3ª edição, editora Ática, São Paulo, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSOR: ERONILDES CÂMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SÉRIE: 2º TURMA: B TURNO: NOITE DATA: 23/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: O Segundo Reinado

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir os aspectos econômicos, sociais e políticos (a economia cafeeira, a revolução Praeira e o fim do Império) que envolve o Brasil a partir de 1840 ao

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: emergir da república.

+ A organização Político-Administrativa

+ O café como condutor da economia

+ As mudanças sociais e os últimos focos de revoltas.

METODOLOGIA:

Aula expositiva com debate.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro de giz, giz e mapas

AValiação: Pela participação dos alunos, com perguntas e diálogos referentes ao tema proposto

BIBLIOGRAFIA: NEVES, Joana & NADAI, Elsa - História do Brasil - Da Colônia à República - 14ª edição editora Saraiva, São Paulo, 1991.

PILETTI, Nelson - História do Brasil, 13ª edição, editora Ática, São Paulo, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DA HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CAMARA DONATO

ALUNO, ESTAGIÁRIO: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESTADUAL ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA (1º E 2º GRAUS)

SERIE: 2º ANO TURNO: NOITE TURMA: B DATA: 11/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: Os Movimentos de Insurreição

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a formação dos ideais de emancipação política e o contexto em que surge os principais movimentos

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: de insurreição.

+ Os ideais liberais e suas influências + As diferentes tendências políticas + Os movimentos de Insurreições

METODOLOGIA: Aula expositivo-dialogada com uso de exercícios de fixação para serem trabalhados em sala.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro para giz, giz, textos mimeografados e exercícios.

AValiação: Pelas respostas dadas às perguntas no exercício.

BIBLIOGRAFIA: MOTA, Carlos Guilherme & LOPES, Adriana - História e Civilização - O Brasil Imperial e Republicano, 2ª edição, editora Ática, São Paulo, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: **PRATICA DE ENSINO EM HISTORIA**

PROFESSORA: **ERONILDES CAMARA DONATO**

ALUNO/ESTAGIARIO: **VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA**

ESCOLA: **ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

SERIE: **2º ANO** TURNO: **NOITE** TURMA: **B** DATA: **25/11/96**

PLANO DE AULA

TEMA: **PROVA**

OBJETIVO ESPECIFICO: **RESPONDER A UMA PROVA COM DEZ QUESTOES OBJETIVAS E SUBJETIVAS SOBRE OS CONTEUDOS DE ENSINO (SEM CONSULTA).**

CONTEUDO PROGRAMATICO: **OS CAMINHOS DA INDEPENDENCIA
A REVOLUÇÃO DO PORTO
OS MOVIMENTOS DE INSURREIÇÃO
O SEGUNDO REINADO**

METODOLOGIA: **APLICAÇÃO DE UMA PROVA PREVIAMENTE ELABORADA SOBRE OS CONTEUDOS ESTUDADOS.**

RECURSOS DIDATICOS: **PROVA MIMEOGRAFADA, LAPIS, BORRACHA**

AVALIAÇÃO: **PELAS RESPOSTAS DADAS E PELA OBTENÇÃO DE UM INDICE DE ACERTOS SUPERIOR A 70% DAS QUESTOES PROPOSTAS.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CÂMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SERIE: 5ª TURMA: A TURNO: TARDE DATA: 29/10/96

PLANO DE AULA

TEMA: Expansão Territorial: Entradas e Bandeiras

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir com os alunos a importância dos movimentos de Entradas e Bandeiras, (caracterizando as diferenças e os tipos)bem como, suas implicações sobre os povos indígenas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: + Origens
+ Tipos
+ Diferenças
+ O banditismo Apresador
+ O Sertanismo de Contato
+ O Banditismo Prospector
+ A Bandeira de Comércio

METODOLOGIA: Aula expositiva, exercício de fixação trabalhado em sala de aula.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro para giz, giz, fichas de leitura, mapas.

AValiação: Através de exercícios trabalhados em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA: NADAI, Elza & NEVES, Joana - História do Brasil - Da Colônia à República, 14ª edição, editora Saraiva, São Paulo, 1991.
PILETTI, Nelson - História do Brasil - Editora Atca, São Paulo, 1991.
PEDRO, Antônio & CARCERE, Florival - História Geral, 9ª edição, editora Vozes, Petrópolis, 1987

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CÂMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDELTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SÉRIE: 5ª TURMA: A TURNO: TARDE DATA: 05/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: (continuação) Expansão Territorial: Entradas e Bandeiras

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir com os alunos, sobre os temas estudados, além, de exercitar através de textos mimeografados a leitura em grupo e a escrita, nas respostas as questões exigidas, bem como, a assimilação dos conteúdos abordados.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: (VER PLANO DE AULA ANTERIOR)

METODOLOGIA: Aula expositiva (exercício de fixação em sala de aula durante 50 minutos)

RECURSOS DIDÁTICOS: Exercícios mimeografados, quadro de giz, giz.

AValiação: Através das respostas apresentadas nos exercícios feitos em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA (VER PLANO DE AULA ANTERIOR)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CAMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDÉILTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SÉRIE: 2º ANO TURMA: -- TURNO: NOITE DATA: 18/10/96

PLANO DE AULA

TEMA: Conjuntura mundial (Processo de Independência do Brasil)

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Por se tratar de uma primeira abordagem esta aula tem como finalidade: Primeiro manter contato com os alunos. Segundo revisar os conteúdos abordados nas últimas aulas, bem como, fazer uma breve recapitulação,

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: para que melhor possamos organizar as outras aulas.

- + Conjuntura econômica mundial
- + Conjuntura política internacional
- + Autoritarismo do governo no Brasil
- + Crises internas (Brasil)
- + Crises externas (Portugal)
- + Intensão de recolonização do Brasil

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro para giz, giz, Mapas, fichas de leitura

AValiação:

através de questionários respondidos pelos alunos.

BIBLIOGRAFIA:

- FRANCO, Tito - Monarquia e Monarquistas, 2ª edição, editora Massangana, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1990.
- LEITE, Glacyra L. - A Insurreição Pernambucana de 1817, editora Brasiliense, São Paulo, 1984
- POMER, Leon - As Independências na América Latina, 9ª edição, editora brasiliense, São Paulo, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA

PROFESSORA: ERONILDES CAMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIÁRIO: WANDÉLTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SÉRIE: 2º ANO TURNO: NOITE DATA: 21/10/96

PLANO DE AULA

TEMA: Os Caminhos da Independência

OBJETIVO ESPECÍFICO: Através da exposição feita em sala, objetiva-se ao seu final, criar uma reflexão de forma crítica do processo de independência do Brasil como algo fruto de embates políticos e econômicos do momento histórico e não como atitude

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: isolada de heróis.

- + Autoritarismo através da estrutura administrativa do Brasil Reino.
- + Crises internas (Brasil) + Intenções de recolonização
- + Crises externas (Portugal) Portuguesa.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro para giz, giz, fichas de leitura, slides e retro-projetor.

AValiação: Questionário

BIBLIOGRAFIA: LEITE, Glacyra - A insurreição Pernambucana de 1817, editora Brasiliense, São Paulo, 1984
PILETTI, Nelson - História do Brasil , 13ª edição, editora Ática, São Paulo, 1991.
POMER, Leon - As Independências da América Latina, 9ª edição, editora Brasiliense, São Paulo, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRATICA DE ENSINO EM HISTORIA

PROFESSOR: ERONILDES CAMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIARIO: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SERIE: 2º ANO TURNO: NOITE DATA: 01/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: A Revolução do Porto em 1820 e os ideais liberais presentes na independência do Brasil.

OBJETIVO ESPECIFICO: Apresentar aos alunos as implicações da Revolução do Porto de 1820 no movimento de independência no Brasil, bem como, as influências das idéias liberais neste processo.

CONTEUDO PROGRAMATICO: + Situação Portuguesa + O Crescimento do sentimento de independência.
+ Os ideais liberais em Portugal.
+ Revolução do Porto de 1820
+ A volta de D. João VI à Portugal e a regência de D. Pedro.

METODOLOGIA:

RECURSOS DIDATICOS: Aula expositiva e exercícios de fixação
Fichas de leituras, quadros para giz, giz, textos mimeografados.

AVALIAÇÃO:

BIBLIOGRAFIA:

Exercícios para ser trabalhados em casa.

NADAI, Elza & NEVES, JOANA - História do Brasil - Da Colônia à República, 14ª edição, editora Saraiva, São Paulo, 1991.

PILETTI, Nelson - História do Brasil, 13ª edição, editora Ática, São Paulo, 1991.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar V. da Silveira

Disciplina: 5ª Série Data:

Estagiário: Vanderlei Francisco da Silva Turma A Turno: Tarde

A MINERAÇÃO

Após a entrada para o interior do Brasil- expansão territorial- a Colônia descobriu uma nova fonte econômica: o ouro e os diamantes. Estes minérios serviram para complementar e/ou dar uma nova alternativa de exploração do Brasil já que a cana de açúcar vinha entrando em decadência devido a concorrência de outros países.

O Governo de Portugal sempre procurou manter o controle sobre a exploração dos minérios na Colônia. A principal medida foi a cobrança de altos impostos. Quem encontrasse ouro ou diamante tinha que dar um-quinto de imposto; causa de muita revolta, descontentamento e contrabando.

Houve uma grande transformação na sociedade, pois imigrantes, principalmente de Portugal, vieram para explorar os minérios brasileiros; com esta imigração houve um aumento considerável do comércio e, uma maior integração regional, principalmente, graças aos tropeiros que viajavam de região para região levando mercadorias. Desta forma contribuiu também para criação de inúmeras cidades, principalmente próximas a grandes jazidas.

Um aumento das profissões liberais (advogados, farmacêuticos, barbeiros etc) foi possível durante este período de nossa história. Graças a esta "facilidade de ganhar dinheiro", a mobilidade social foi possível, onde poderia se passar de uma classe social para outra somente devido o poder econômico de cada um.

Apenas a distinção entre brancos e negros é que não diminuiu; pelo contrário, na mineração as condições de trabalho dos negros eram piores que na atividade canavieira, como por exemplo: sua vida útil era de 5 anos devido as más condições de trabalho (em buracos alagados com água, sem ar circulando etc); isto proporcionou a origem de vários quilombos que lutavam pela liberdade dos negros.

Aconteceu, também, um florescimento intelectual na época, já que os filhos da elite foram estudar na Europa. Minas Gerais tornou-se um centro de produção artístico e cultural, tanto na arquitetura, quanto na música e na poesia.

GLOSSÁRIO

Exploração: desenvolvimento

-Decadência: declinar, falir

Concorrência: competir

-Um-quinto: quinta parte de um todo

Imigrantes: pessoas que entram num local para viver nele (país)

Integração: ligação, união

-Tropeiros: pessoas agrupadas em viagens

Mobilidade: movimentação

-Distinção: diferença

Mobilidade social: grupo de pessoas com características parecidas

18

COLEGIO ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

PROFESSOR: VANDELTON FRANCISCO DA SILVA

TURMA: B SÉRIE: 2ª TURNO: NOITE

ATIVIDADE DE AULA

A REVOLUÇÃO DO PORTO (1820) E OS IDEAIS LIBERAIS NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

A Revolução do Porto é conhecida assim por ter sido iniciada na cidade do Porto em agosto de 1820. Entretanto, desde a saída da corte portuguesa para o Brasil em 1808, Portugal praticamente passara à administração inglesa. Os acordos firmados entre a Inglaterra e Portugal estavam levando os portugueses a ruína; os maiores prejuízos eram provocados pela liberalização das atividades comerciais, pois a perda dos monopólios comerciais — Antes mantidos apenas entre Portugal e Brasil — significava quase a ruína total da economia portuguesa.

O LIBERALISMO

Na sua definição mais simples, o liberalismo pode ser considerado como a doutrina econômica que pressupõe a não intervenção do Estado na vida econômica. Este exerce um poder distanciado. É o regime da livre iniciativa e da livre concorrência.

O Liberalismo, correspondente à necessidade industrial por matérias primas e mercados consumidores para a produção e venda de seus produtos, além, de maior liberdade de comércio, liberação de taxas e impostos, seguido do fim dos monopólios existentes entre as metrópoles e as colônias.

Juntamente a esta crise, Portugal estava recebendo influências das idéias LIBERAIS, sobretudo vindas da Espanha, onde já havia sido aprovada uma constituição liberal. As idéias liberais chegadas a Portugal iniciaram um movimento revolucionário que se espalhou por todo o país a partir da cidade do Porto.

Os revolucionários exigiam a nomeação dos ministros, dos funcionários públicos para os cargos mais importantes de Portugal e das colônias, além, de forçarem D. João VI a aceitar a constituição a ser promulgada pelos revolucionários. Também a sede administrativa deveria funcionar em Lisboa. Estas medidas levaram D. João VI a retornar a Portugal em abril de 1821, deixando aqui D. Pedro como príncipe regente do Brasil.

De todas as exigências feitas pelos revolucionários uma talvez, tenha contribuído mais para a independência do Brasil de Portugal em 1822. Era de interesse dos revolucionários a recolonização das colônias portuguesas, ou seja, pretendiam manter os velhos privilégios assegurados pela exploração das ex-colônias (Brasil). A partir daí, verificou-se a impossibilidade do Brasil e Portugal continuarem unidos.

O LIBERALISMO NO BRASIL

Na Europa, o Liberalismo era uma ideologia burguesa voltada contra as instituições do Antigo Regime. No Brasil as influências das idéias liberais ganharam outras interpretações pois mesmo proclamada a independência nesse país permaneceu sendo governado por uma monarquia.

Grande parte dos grupos adeptos das idéias liberais no Brasil, defendiam o regime monárquico e pertenciam as categorias rurais, estas formadas por latifundiários que tinham na mão-de-obra escrava a base de sua produção.

Neste sentido vemos a contradição do liberalismo brasileiro. Aqueles que lutaram para garantir a liberdade de comércio, autonomia administrativa e judiciária não estavam dispostos a renunciarem ao latifúndio nem à propriedade escrava.

Os grupos urbanos brasileiros que mais se beneficiariam com a emancipação, (profissionais liberais, comerciantes, etc) passaram a pressionar D. Pedro pela independência. O primeiro sinal favorável neste sentido, foi obtido no dia 08 de janeiro de 1822, (O chamado DIA DO FICO) no qual D. Pedro, recusava-se a atender as ordens de Lisboa para regressar a Portugal e em resposta às 8 mil assinaturas enviadas ao Príncipe Regente pelos brasileiros, que queriam a independência.

Assim, proclamada a independência — de setembro de 1822 — os representantes da elite brasileira, se beneficiariam com a liberdade de comércio, autonomia administrativa e o fim das restrições impostas pelo Estatuto Colonial. Entretanto, os índios e escravos foram excluídos dos direitos de cidadania.

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª E 2ª GRUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
MUNDELEON FRANCISCO DA SILVA

SERIE: 2ª TURMA: B TURNO: NOITE

O PRIMEIRO REINADO (1822 - 1831)

Após à independência, o Brasil buscou caminhos para se tornar uma nação organizada e independente, tanto no que diz respeito à estrutura sócio-econômica como em suas bases políticas. No entanto, incorporou um novo estatuto político que se adequasse a situação internacional sem, alterar as bases de uma sociedade colonial.

Neste sentido, a sociedade brasileira modificou-se apenas nos seus aspectos externos, internamente, continuou agrário-exportadora de base escravista, produzindo uma sé mercadoria em função da demanda externa. Na medida em que a produção açucareira vivia um período de decadência, o café que era cultivado como planta exótica desde o século XVIII, ganha o paladar europeu se tornando o sustentáculo econômico do império. Na medida em que o café tinha sua produção acelerada, deslocava para o sudeste do país (Rio de Janeiro), o poder econômico e político.

No entanto, se o Brasil tinha no café seu principal produto, todos os outíros, que aqui eram comercializadas, vinham do exterior. Esta situação privilegiava setores da sociedade (portugueses) que lucrava com o comércio de importação.

Já, a atividade industrial, que durante o período colonial era proibida, após sua liberação, passou a conviver com a precariedade dos meios de transportes e comunicações entre as províncias, além, da pequena produção de materias primas e do restrito mercado consumidor, bem como, a imbatível concorrência feita principalmente pelos produtos ingleses. Além disso, suas empresas e bancos atuavam diretamente na economia brasileira através de empréstimos e investimentos em negócios altamente lucrativos.

Do ponto de vista político D. Pedro, sagrado imperador do Brasil em dezembro de 1822, havia convocado uma Assembléia Constituinte em junho de 1822, mas esta só tomou posse em maio de 1823; constituída por oitente deputados, representando as catorze províncias e composta por: bacharéis, padres, magistrados, proprietários rurais e funcionários públicos.

A participação de muitos constituintes nos movimentos liberais, gerou um clima de desconfiança entre o imperador e a Assembléia. As lutas internas entre portugueses e deputados nativistas; que eram contrários ao direito de cidadania brasileira para os portugueses, acabaram contribuindo para que D. Pedro dissolvesse a Assembléia Constituinte em novembro de 1823.

Em seu lugar D. Pedro nomeou um conselho de Estado composto de dez membros e presidido por ele mesmo, para elaborar uma constituinte.

Outorgada em 25 de março de 1824, a constituição garantia plenos poderes ao executivo (imperador), mas que contava também com o poder Legislativo; composto por um Senado vitalício e uma Câmara dos Deputados e com um poder Judiciário exercido por Juizes e membros do Supremo Tribunal, estes escolhidos pelo imperador, e um poder moderador, composto por conselheiros vitalícios, também nomeados pelo imperador.

Estas e outras medidas provocaram uma série de revoltas nas províncias, contra a centralização do poder nas mãos do imperador. Como se não bastasse, com a morte de D. João VI em 1826, D. Pedro I foi aclamado seu sucessor, no entanto, renunciou em favor de sua filha menor, devendo esta casar-se com seu tio, D. Miguel que ficaria como regente enquanto a princesa fosse menor. D. Miguel se fez aclamar rei de Portugal, em 1828, desprestigiado, D. Pedro viajou para Minas Gerais, deixando o Rio de Janeiro sob sérios distúrbios entre partidários e opositores da monarquia.

Para amenizar a crise política, D. Pedro nomeou um ministério composto apenas de brasileiros, distinguindo-o quinze dias após. Este fato levou mais de 2000 pessoas às ruas do Rio de Janeiro exigindo sua renúncia que ocorreu no dia ~~07~~ 07 de abril de 1831. Iniciando um novo processo na política brasileira.

BIBLIOGRAFIA:

- NADAI, Elza & NEVES, Joana -- HISTÓRIA DO BRASIL -- Da Colônia à República, 14ª edição, editora Saraiva, São Paulo, 1991. (páginas 134 - 143)
- PILETTI, Nelson -- História do Brasil, 13ª edição, editora Ática, São Paulo, 1991. (página 93 - 99)

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

PROFESSOR: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

SÉRIE: 2ª TURMA: B TURNO: NOITE DATA: 07/11/96

OS MOVIMENTOS DE INSURREIÇÃO

As lutas pela independência, de modo geral, representaram uma reação dos brasileiros, contra os portugueses que queriam ver o Brasil ligado a Portugal.

Muito antes da independência, entretanto, estes e outros motivos criaram vários conflitos nas províncias, onde as tropas portuguesas tentavam assegurar o cumprimento das ordens enviadas pela Corte portuguesa.

Outro aspecto presente nas lutas de independência, foram os ideais liberais presentes nos principais movimentos revolucionários que ocorreram nas províncias.

Após a proclamação da independência inúmeros grupos descontentes ligados a Portugal passaram a lutar contra as novas medidas esses grupos, que contavam com militares, iniciaram várias insurreições em várias províncias (Pará, Maranhão, Bahia, Santa Catarina etc).

Esses grupos foram derrotados com ajuda de mercenários contratados pelo governo imperial.

Essas lutas ajudaram a concretizar a independência pois representava a luta por uma nação livre da metrópole portuguesa. No entanto, isto não significou que estando livre de Portugal, a jovem nação não cairia no domínio de outra (Inglaterra).

Após os conflitos, o sonho constitucional e implantação dos ideais liberais, constituíram-se nos motivos das lutas provincianas estes se fortaleceram após a dissolução da Assembléia Constituinte por D. Pedro em 1823.

Quais as razões que levaram D. Pedro a dissolver a Assembléia Constituinte e outorgar uma constituição em 1824?

Em 07 de setembro de 1822, Háviam três tendências políticas mais nítidas no Brasil: A LIBERAL; que defendia ideais ligados a forma de governos parlamentaristas, com eleições livres para governadores, deputados e senadores, e com a implantação de uma constituição a qual o imperador também estivesse submetido a ela. A CONSERVADORA; que trazia como um dos seus expoentes; José Bonifácio, que defendia um poder executivo forte, acima do Legislativo, pois este em função das lutas provincianas se mostrava frágil e o NATIVISTA; presente nos movimentos soci -

ais. Embora não tivesse expressão nacional no primeiro reinado (1822 - 1831), iria eclodir principalmente nas províncias durante o período regencial (1831 - 1840).

Estes grupos estavam presentes na Assembléia Constituinte, na qual os liberais e nativistas (partido brasileiro) contavam com grande número de representantes.

Durante as discussões das leis na Assembléia Constituinte, os nativistas chegaram a propor que " O BRASIL ERA DOS BRASILEIROS ". Este tipo de afirmação levou brasileiros e portugueses à inúmeras lutas durante os trabalhos constituintes. Estes conflitos conduziram D. Pedro I que também, temia por uma constituição que diminuísse seus poderes, a dissolver a Assembléia, elegendo em seu lugar um conselho composto por membros indicados por ele, para elaborar uma carta Constituinte.

Outorgada em 1824, estabelecia a seguinte organização político-administrativa:

PODER LEGISLATIVO		PODER EXECUTIVO	PODER JUDICIARIO
CAMARA DOS DEPUTADOS	SENADO	CONSELHO DE ESTADO	PRE. DE PROVINCIAS
			CONSELHOS PROVINCIAIS

Em suma, o poder Moderador permitia que o imperador governasse como se fosse um rei absolutista. Com esta constituição o imperador tinha poderes para:

- Dissolver a Camara
- Mobilizar as forças armadas de mar e terra
- Escolher os senadores
- Escolher os ministros
- Sancionar e vetar os atos do poder Legislativo
- Formar o conselho de Estado
- Nomear os juizes
- Nomear os presidentes das províncias.

A Constituição garantia a liberdade de imprensa e de opinião, mas estes direitos não saíram do papel, na prática foram desrespeitados durante o reinado de D. Pedro I.

Após outorgada a Carta foi enviada às províncias para ser aprovada pelos conselhos provinciais.

A província de Pernambuco foi uma das que mais criticou o caráter centralizador dos poderes, nas mãos do imperador. A Câmara de

Olinda se recusou a aprovar a constituição, seguindo-se de outras províncias. Era o início do movimento conhecido como Confederação do Equador, que se posicionou contrário principalmente:

- Ao absolutismo do poder de D. Pedro I, que não permitia a participação mais ampla da sociedade no governo.
- A dissolução da Assembléia Constituinte.
- Ao intervencionismo do poder central na presidência das províncias.
- A promulgação da Carta Constituinte outorgada em 1824.

A Confederação do Equador, transformou-se numa revolta, que contou com a participação das camadas populares.

Uma das medidas adotadas pelos revolucionários foi a abolição do tráfico de escravos no porto do Recife. Outra defendia uma autonomia das províncias em relação ao governo central, além, de que um governo representativo e republicano. O movimento iniciado em Pernambuco recebeu a adesão das províncias do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte.

O movimento no entanto, fracassou. De certa forma, uma das causas está nas divisões entre os grupos que defendiam a abolição dos escravos (profissionais liberais, professores, advogados etc.), e os proprietários de terra que dependiam do trabalho escravo.

Uma vez que os membros das elites rurais recuaram, o movimento foi conduzido, entre outros, pelo intendente da Marinha Paes de Andrade e pelo Carmelita Frei Caneca (Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca).

Paes de Andrade tinha boa formação intelectual, além de ter participado da Insurreição Pernambucana de 1817, viveu nos E.U.A., onde recebeu influências políticas que passou a defender: Sistema presidencial. Já Frei Caneca insurgente também em 1817, defendia a participação das camadas populares no governo.

No entanto, o movimento foi sufocado após 79 dias de resistência. O império contando com empréstimos e auxílio de mercenários ingleses, comandados pelo almirante Cochane, responsável pelo Atlântico Sul, como também, com forças terrestres sob o comando do brigadeiro Lima e Silva. Após mais de dois meses de luta os revolucionários se renderam, muitos foram julgados e fuzilados, outros presos. Mas os ideais democráticos e republicanos permaneceriam arraigados nos mais diferentes grupos populares, nas diferentes províncias. Estes ideais viriam a tona nos movimentos revolucionários do período regencial.

O PERÍODO REGENCIAL E OS LEVANTES PROVINCIAIS

Com a abdicação de D. Pedro I em 1831, inicia-se uma nova fase na história de Brasil, com o afastamento de D. Pedro I, em benefício de seu filho e príncipe regente D. Pedro II, de cinco anos de idade, o que deixava impossibilitado de governar em função de sua menor idade. Nomeou-se então um governo regencial (provisório) composto por TRÊS REPRESENTANTES: Brigadeiro Francisco de Lima e Silva (Comandante das tropas que sufocaram o movimento revolucionário de 1824 em Pernambuco), Deputado José Joaquim Carneiro de Campos e pelo Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Sua função era organizar o processo eleitoral para a escolha da Regência Trina Permanente, que foi eleita e empossada em outubro de 1831.

Após a abdicação de D. Pedro I, eclodiu uma série de revoltas e levantes por todo o país. Quais os motivos para isto?

São muitos, basta lembrar que mesmo após proclamada a independência (07 de setembro de 1822 - lembrem), os portugueses permaneceram ocupando cargos públicos e atividades comerciais mais lucrativos. Para a época, a população os via como; "exploradores da riqueza nacional".

Outros motivos foram de influência política, como: maior autonomia às províncias, descentralização do poder, eleições livres para a escolha do Regente, além, de inúmeras idéias vindas da América e da Europa, regiões nas quais havia exigências por formas de governos republicanos e federativos, semelhante a experiência americana, bem como, eleições livres e diretas para os representantes do povo, ao modo da França Republicana.

A maior parte dos deputados e políticos que se identificavam com estas idéias pertenciam ao partido liberal. Havia também, o partido Conservador. (embora usemos a palavra partido, o que havia na época era algo semelhante, a grupos que se juntavam para defenderem interesses comuns).

Os que faziam parte do "partido" Conservador, defendiam a idé-

ias de recolocar D. Pedro I de volta no trono, formando por uma maioria portuguesa, este partido (grupo) teve vida curta, até 1834, quando D. Pedro I morreu, forçando seus membros a ingressarem em outros grupos

A pressão destes dois grupos por reformas na constituição e pela implantação de seus interesses, quase sempre contaram com a participação das camadas populares em levantes, devido ao fato de praticamente viverem esquecidos pelo regime de miséria em que vivia.

Quais as consequências destes descontentamentos?

Mais uma vez, são vários. Em 1831, meses após a eleição da Regência Trina Permanente, eclodem em Pernambuco dois movimentos seqüenciados, defendendo projetos federalistas e anti-lusitanos, que ficaram conhecidos como: Setembrada e Novembrada. Em 1832, foi a vez de Alagoas, com a REVOLTA DOS CABANOS, esta de caráter restaurador.

Para sufocar estes levantes, o ministro da justiça: Padre D. Diogo Antônio Feijó, cria a Guarda Nacional, milícia formada nas províncias sob o comando dos grandes latifundiários e produtores rurais que recebiam ajuda financeira e armamento fornecidos pelo governo regencial.

Os embates permaneceram ao longo da década, em 1834 foi a vez de Cuiabá, envolvendo brasileiros e portugueses, em 1835, no Rio Grande do Sul (Guerra dos Farrapos), na Pará (Cabanagem) e Bahia, com a revolta dos Malês e novamente em 1837, com a Sabinada.

Em 1838 explode a Balaiada no Maranhão.

Se por um lado as lutas nas províncias continuavam acirradas as discussões por reformas na constituição de 1824, visava principalmente a questões como: autonomia provincial, unitarismo e a separação dos poderes.

Mas apesar de tanta luta, porque estas reivindicações não foram aceitas?

Veja bem, não é que não foram aceitas. Na medida que os levantes nas províncias se acirravam, o medo de que a nação se esfacelar se predominou sobre duas ideias básicas: A autonomia das províncias e a separação dos poderes que passaram a serem consideradas como ideias

Muitos dos que se diziam liberais passaram a ceçpor e que
eles chamaram de partido do Regresso, defendendo apenas o unitarismo,
que significava a substituição da Regência Trina pela Uua.

Para esta nova regência foi eleito o Padre Feijó que não suportou as
pressões feitas pelos conservadores renunciando em 1837. Em seu lugar
assumiu o ministro da justiça: Araújo Lima. Conservador, procurou forta-
lecer o Poder Executivo, através da Lei de Interpretação do Ato Adic-
cional de 1834. Esta lei retirava das provincias o direito de eleger
os funcionarios publicos. Os Liberais contrarios a esta lei, buscaram
forças junto a outros partidos e ao Senado, bem como ao próprio impera-
dor que aceitou, através do projeto do Deputado Antônio Carlos, que es-
tabelecia a redefinição da maioria (21 anos legal). D. Pedro as-
sumiu então o poder em 1840 com apenas 14 anos.

Iníca-se assim, o período conhecido como o segundo reinado
do império brasileiro.

ESTAQUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

PROFESSOR: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

SÉRIE: 5ª TURNO: tarde TURMA: A

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 - As entradas para o interior do Brasil, contribuíram para a descoberta de ouro e diamantes, além, destes fatores o que mais pode se observar e atribui-se as entradas?

2 - Com a descoberta de ouro e de pedras preciosas, uma série de transformações ocorreram na colônia, cite três destas transformações:

PROFESSOR: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

SÉRIE: 5ª TURNO: tarde TURMA: A

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

3 - As entradas para o interior do Brasil, contribuíram para a descoberta de ouro e diamantes, além, destes fatores o que mais pode se observar e atribui-se as entradas?

3 - Quem trabalhava nas minas e quais as condições desse trabalho?

4 - Quais os tipos de profissões que surgiram no Brasil com o processo de mineração?

5 - Quem trabalhava nas minas e quais as condições desse trabalho?

- 1 - Rosângela Correia da Silva Nº 33
- 2 - Juliana S. da Silva - 27
- 3 - Mariana Furtosa - 27

QUESTIONÁRIO

2º exercício

Handwritten signature
70

- 1 - QUAL (IS) AS DIFERENÇAS ENTRE ENTRADAS E BANDEIRAS?
- 2 - QUAIS OS PRINCIPAIS TIPOS DE BANDEIRAS? COMENTE CADA TIPO.
- 3 - PORQUE OS BANDEIRANTES ATACARAM AS MISSOES JESUÍTAS?
- 4 - QUAIS OS FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA AS ENTRADAS E BANDEIRAS?
- 5 - NA SUA OPINIÃO VALEU APENAS O PREÇO PAGO PELA EXPANSÃO TERRITORIAL?
- 6 - AS BANDEIRAS ENTRE OUTROS OBJETIVOS, BUSCAVAM A CAPTURA DOS ÍNDIOS PARA A SUA ESCRAVIZAÇÃO, PORQUE?

① (As entradas) se constituíram em movimentos de desbravamentos do território nacional através das comunhas que ligavam o litoral às sertões
 (As bandeiras) criavam problemas para os jesuítas responsáveis pela catequese dos índios.

a) O bandeirismo apresador: que teve início por volta do final do século XVI, consistia na penetração dos sertões em busca de índios.

O sertanismo de contrato: devido aos acordos firmados pelos governadores, senhores de engenho e proprietários pecuaristas.

O bandeirismo prospector: incentivado pela metrópole, que em função da forte crise econômica...

A bandeira do povoado: ligada a atividade mineradora em Mato Grosso e Goiás.

⑤ Não ✓
OP

2º Ano

QUESTIONÁRIO

- 1 - O que contribuiu para a Revolução do Porto em 1820 ?
- 2 - Porque o negro e o índio não foram elevados a categoria de cidadão após a independência ?
- 3 - Quais ou qual o(s) fato(res) que ma(is) contribui(ram) para o processo de independência do Brasil?
- 4 - Porque O Liberalismo difundido na Europa não foi aplicado no Brasil?

2º ANO

QUESTÕES

- 1 - O que garantia a D. Pedro a Constituição de 1824 ?
- 2 - Quais os fatores que levaram D. Pedro a abdicar em abril de 1831 ?
- 3 - Comente a seguinte afirmação:
" Na medida em que a produção açucareira vivia um período de decadência, o café que era cultivado como planta exótica desde o século XVIII, ganha o paladar europeu se tornando o sustentáculo econômico do império." (texto, 01).
- 4 - Comente a afirmação:
" A primeira constituição brasileira foi outorgada. Não havendo participação popular na sua elaboração." (Texto)
- 5 - Comente:
" Uma das medidas adotadas pelos revolucionários foi a abolição do tráfico de escravos no porto do Recife." (texto).

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª E 2ª GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

ESTAGIÁRIO: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA

SÉRIE: 2ª ANO TURNO: NOITE TURMA: B DATA: 25/11/96

ALUNO:

AValiação DA 1ª BIMESTRE

- 1 - ESCOLHA DUAS DAS QUESTÕES ABAIXO E RESPONDA, (cada questão escolhida vale 2,5 pontos).
- I - Indústria brasileira, que durante o período colonial teve sua atividade proibida, após a independência, não teve a sua produção praticamente alterada.
O que impediu este desenvolvimento industrial no Brasil?
- II - Quais os órgãos e poderes públicos criados pela primeira Constituição brasileira de 1824 ?
- III - Em 1824, eclode em Pernambuco um movimento de insurreição que ficou conhecido como: Confederação do Equador. Cite três das reivindicações feitas pelos insurgentes.
- IV - Caracterize os dois partidos políticos mais expressivos existentes no Brasil durante o período Regencial.
- V - Caracterize as transformações políticas e econômicas no Brasil do segundo Reinado (1840 - 1889).
- 2 - ATENÇÃO: LEIA AS AFIRMAÇÕES ABAIXO E ASSINALE DENTRO DOS PARÊNTESES, F para falso e V para verdadeiro. (Cada sentença vale 1,0 ponto)
- () Após a independência, negros e índios que residiam no Brasil foram elevados a categoria de cidadãos.
- () Após a independência do Brasil, os portugueses permaneceram ocupando altos cargos públicos e mantendo lucrativas atividades comerciais. O que causava repúdio em muitos brasileiros.
- () A Constituição de 1824, proibia o imperador: Dissolver os Conselhos de Províncias, escolher os ministérios, nomear juizes e escolher os Senadores.

- () Os movimentos de insurreições como: Guerra dos Farrapos (Rio Grande do Sul) e Sabinada (Bahia), exigiam, principalmente, um Poder Executivo forte que centralizasse as decisões administrativas das províncias nas mãos do imperador, bem como, a escolha dos representantes das Províncias.
- () Ao renunciar em 1831, D. Pedro I, deixava para Dom Pedro II a tranquilidade política e econômica existente em seu governo.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADELAR VELOSO DA SILVEIRA

ESTAGIÁRIO: VANDELTON FRANCISCO DA SILVA

SÉRIE: 2º ANO TURNO: NOITE TURMA: B DATA: 29/11/96

AValiação DO PROFESSOR

1) QUANTO AO ASSUNTO ESTUDADO:

() ÓTIMO () BOM () REGULAR () INSUFICIENTE

2) QUANTO AO NÍVEL DE DE CONHECIMENTO:

() ÓTIMO () BOM () REGULAR () FRACO

3) A QUANTIDADE DE AULAS ADMINISTRADAS FOI:

() ADEQUADO () EXCESSIVO () INSUFICIENTE

4) A METODOLOGIA UTILIZADA PELO PROFESSOR FOI:

() ÓTIMO () BOM () REGULAR () FRACO

5) A SEGURANÇA E O DOMÍNIO APRESENTADOS PELO PROFESSOR FOI:

() ÓTIMO () BOM () REGULAR () FRACO

6) O ENDOVIMENTO E PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS FOI:

() ÓTIMO () BOM () REGULAR () FRACO

7) O RELACIONAMENTO DO PROFESSOR COM A TURMA FOI:

() ÓTIMO () BOM () REGULAR () FRACO

8) O MATERIAL UTILIZADO NA DISCIPLINA FOI:

() ÓTIMO () BOM () REGULAR () FRACO

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

9) PONTOS FORTES:

10) PONTOS FRACOS:

11) SUGESTÕES:

A N E X O S I I
- - - - -

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES- CH

DEPARTAMENTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRATICA DE ENSINO EM HISTORIA

PROFESSORA: ERONILDES CAMARA DONATO

ALUNO/ESTAGIARIO: VANDEIETON FRANCISCO DA SILVA

ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

SERIE: 2º ANO TURNO: NOITE DATA: Dezembro de 1996

NOTAS FINAIS

	NOTA DOS EXERCICIOS	PROVA	MEDIA
CARLOS ANTONIO	8,0	10,0	9,0
ELTON CAMPELO	2,0	8,5	5,5
GIANCARLOS SILVA	1,0	7,0	4,0
ISAAC CASTRO	4,0	5,0	4,5
JAMILTON CARMO	8,5	9,0	8,7
JACIEL GUEDES	7,0	8,5	7,7
JOELSON L. DOS SANTOS	8,0	1,0	4,5
JOSENILDA SILVA	8,0	8,5	8,2
JOSELIA AZEVEDO	3,0	9,0	6,0
JOSELMA J. DA SILVA	NC	NC	—
JOSIMARIO ALVES	6,0	7,0	6,5
LUIS CLAUDIO CARDOSO	2,0	4,0	3,0
MARIA DA GLORIA	7,0	6,5	7,0
MARIA MICHELE	0,0	3,0	1,5
REGIVANILDO GARCIA	NC	NC	—
RINALDO L. A. MELO	8,0	10,0	9,0
RISALVA ARAUJO	8,0	6,5	7,25
ROBERTO CLEMENTINO	0,0	7,0	3,5
ROMERO G. BARROS	0,0	NC	—
ROSILENE TARGINO	5,0	NC	—
SUZANA V. L. RODRIGUES	6,0	5,0	5,5
VICELIO COSTA	5,0	5,0	5,0
VALDERLINDA F. SILVA	9,0	10,0	9,5

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES - CH
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA
 PROFESSORA: ERONILDES CAMARA DONATO
 ALUNO/ESTAGIÁRIO: VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA
 ESCOLA: ESCOLA EST. DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR V. DA SILVEIRA
 SERIE: 5ª TURNO: TARDE DATA: Dezembro de 1996

NOTAS FINAIS

	MÉDIA FINAL
ANDRÉIA DOS SANTOS FALCÃO.....	7,5
ALEXANDRO SANTANA.....	8,0
DANIELA V. ALVES GABRIEL.....	8,0
EDVAM F. SILVA.....	8,5
ELINALDO O. SILVA.....	5,5
ERINALDO S. LIMA.....	8,0
GERLANE G. SILVA.....	8,0
JULIANA S. SILVA.....	8,0
JOSÉ M. SILVA.....	8,5
JOSE F. S. SOUZA.....	7,5
JOSE CERSA C. PINTO.....	6,5
L. L. SILVA.....	9,0
LEANDRO F. S. COSTA.....	8,0
LUCIANO S. SILVA.....	9,0
MARIA DO C. SANTOS.....	8,5
MARCO V. S. RODRIGUES.....	8,5
MARCIA F. ANDRADE.....	6,5
ROSANGELA C. SILVA.....	9,5
VERA R. S. FARIAS.....	7,0
WILMA F. COSTA.....	5,0
VIRGINIA B. N.....	8,0
ZILDA S. NASCIMENTO.....	7,5
VALDENIZE P. SILVA.....	7,0
GERLANE G. SANTOS.....	6,5
EDNALDO P. P. JUNIOR.....	6,5
MARCIO FEITOSA.....	5,5
CRISTIANE M. LIMA.....	5,0

PARECER

Sobre a participação do aluno VANDEILTON FRANCISCO DA SILVA nas atividades da Prática de Ensino em História, durante o semestre 96.2 (Setembro-96/Janeiro-97).

No início do período 96.2, o aluno Vandeilton Francisco da Silva, convidou-me para ser seu orientador de conteúdo nas atividades da Prática de Ensino em História. Apesar de bastante atarefado com inúmeros afazeres, aceitei de bom grado, por conhecer a seriedade e dedicação do citado aluno que já havia trabalhado comigo em pelo menos três oportunidades como monitor das minhas disciplinas e mais uma ou duas vezes em projetos de extensão. Assim sendo, começamos ainda em outubro de 96 um conjunto de reuniões que antecederam sua ida à escola (campo de estágio). Todavia, por uma questão de calendário, as atividades na escola tiveram que ser iniciadas imediatamente, o que, no meu modo de ver, acabou por prejudicar o desempenho do estagiário em seus primeiros contatos com os alunos.

O que ocorreu é que não foi possível passar pelo estágio de observação da professora regente, pois o estagiário teve que entrar em sala de aula imediatamente. Creio que um contato inicial com a sala de aula na qualidade de observador teria permitido ao estagiário desenvolver certas precauções contra erros simples de serem detectados, como por exemplo: o tempo destinado a cada aula; os assuntos que os professores (da 5ª e do 2º) estavam trabalhando e o nível de participação dos alunos, bem como a forma de despertar seu interesses pelas aulas que o estagiário ministraria a posteriori.

Mas como nem só de perfeições vive a Escola Pública, a Coordenação da Prática orientou os estagiários a entrarem diretamente em sala e começar a ministração das aulas. E aí está um ponto forte na participação do estagiário aqui analisado. Sem qualquer experiência formal em sala de aula, Vandeilton foi conseguindo, observar as deficiências dos alunos, da escola, dos programas, das atuações dos professores e foi trazendo estes assuntos para discutir comigo. O que engrandece um aluno como Vandeilton é que ele está sempre disposto a perguntar e a ouvir sugestões. Mais do que isto. Ele está disposto a aplicá-las, testando e revendo seus possíveis erros e acertos.

E foi assim que ele desenvolveu um conjunto de 18 horas/aula no 1º grau, mais a avaliação e as provas finais (muito superior portanto às 12 horas/aula exigidas) e 20 horas/aula no 2º grau, também com avaliação e provas finais (superando assim, também as 12 horas/aula exigidas pela Prática).

A cada encontro que tínhamos, as discussões se davam em torno das dificuldades encontradas nas aulas anteriores e de propostas de usos de outros recursos didáticos que servissem para minorar a precariedade das condições oferecidas pela escola (campo de estágio).

A incorporação dos textos mimeografados e de recursos como vídeos e slides, foram de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho. Apesar de, em vários momentos, eu ter tecido críticas à forma apressada com que ele buscava o uso desses equipamentos. Finalmente, ele compreendeu que o uso de qualquer recurso didático deve ser precedido de uma discussão com os conteúdos e com os objetivos que se pretende alcançar. Superados estes pequenos problemas, Vandeilton se desincumbiu extremamente bem das suas atividades em sala de aula, conforme inclusive pode ser constatado no conjunto de avaliações que ele desenvolveu com “seus” alunos da 5ª e do 2º ano científico.

O aspecto que mais destaque nas avaliações é o fato de que a maioria dos alunos reconhece, explicitamente, que Vandeilton “se preocupava em preparar as aulas”. Este tipo de preocupação: leitura prévia, preparação de textos-resumos, correção de grafia e vocábulos, escolha do material didático e dos recursos a serem utilizados, já é uma demonstração da capacidade de ser, com o tempo, um bom professor. Não apenas preocupado se vai ganhar um bom salário, se vai poder fazer cursos de pós-graduação e se tornar famoso por seus cursos e artigos brilhantes, mas, em geral incompreensíveis.

O que Vandeilton demonstra é uma capacidade enorme de aprender com todos os que o rodeiam (creio que os depoimentos no seu relatório deixam isto bastante claro). Assim sendo, por todas as observações feitas anteriormente e por considerar que o estagiário foi capaz de: 1º detectar falhas nas condições dos alunos, da escola e da sua própria atuação; 2º preparar planos de aulas com as devidas modificações e adaptações propostas; 3º ministrar aulas no 1º e 2º graus, sempre revendo as suas posturas e materiais didáticos; 4º rever, refazer e rerepresentar todos os escritos enviados ao orientador; 5º entregar o relatório final da Prática dentro do prazo estabelecido para o encerramento e, 6º por demonstrar uma enorme preocupação com o processo de ensino aprendizagem em todos os momentos da Prática de Ensino, é que sou de parecer que o mesmo encontra-se habilitado a exercer o cargo de professor de História no 1º e 2º graus, desejando-lhe apenas que aproveite todas as oportunidades possíveis para aprender cada vez mais com seus futuros alunos.

Campina Grande, 26 de janeiro de 1997.

Antonio Clarindo B. de Souza.
Antonio Clarindo Barbosa de Souza